

A CRÍTICA JORNALÍSTICA SOBRE CLARICE LISPECTOR (1943-1997)

Neli Edite dos SANTOS¹

RESUMO *Este texto pretende apresentar como a crítica jornalística recebeu, de 1943 aos anos 90, a produção literária de Clarice Lispector, a fim de identificar alguns de seus elementos constituidores e indicar possíveis parâmetros para sua compreensão.*

ABSTRACT *This text aims at showing how criticism found in newspapers, from 1943 up to the nineties, treated Clarice Lispector's literary work, in order to identify some of the elements that constituted such a criticism and indicate some parameters to understand it.*

APRESENTAÇÃO

Este texto é uma síntese da dissertação intitulada **A Crítica Jornalística sobre Clarice Lispector (1943-1997)**², a qual resulta de uma pesquisa motivada pela necessidade de entender qual o papel da crítica jornalística para a leitura da produção clariceana, no período entre 1943, ano de sua estréia, e 1997, ocasião marcada por diversas homenagens aos vinte anos de falecimento da escritora.

A fim de viabilizar a pesquisa, foi necessário, primeiramente, averiguar a possibilidade de tornar um produto fragmentado, disperso e, infelizmente, precariamente conservado, como os recortes de jornal, em material de estudo. Confirmada essa possibilidade, por meio de consulta a diversos arquivos de

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas.

² Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, em 31 de agosto de 1999, sob orientação da Prof^a Dr^a Adélia Bezerra de Menezes.

periódicos, foram selecionadas 798 referências³, que constituem o *corpus* do trabalho.

Para que a reação da crítica jornalística frente à produção de Clarice Lispector pudesse ser identificada, o *corpus* foi organizado cronologicamente, permitindo que o estudo fosse estruturado em cinco partes, a seguir resumidas.

PANORAMA DA CRÍTICA JORNALÍSTICA BRASILEIRA

Esta parte apresenta uma trajetória da crítica jornalística brasileira, do final do século XIX até a primeira metade do século XX, de modo a indicar certos elementos que, desde sua origem, a constituíram como expressão cultural controversa. A origem “folhetinesca”, a relação paradoxal com o grande público, o risco de concessões exageradas e indevidas dela decorrentes e a inserção em um organismo, o jornal, que depende das políticas de mercado foram alguns dos traços da crítica jornalística indicados no sentido de evidenciar a complexidade e a pertinência de questionamentos relacionados à sua condição de possibilidade de contribuir para a socialização da literatura, sobretudo a de seu momento.

Esses elementos, somados a outros como a adequação conceitual e vocabular às possibilidades de compreensão do público pretendido e a vinculação com o atual, dão margem a que se vislumbre na crítica jornalística sinais de aviltamento de sua função formadora, de superficialidade da mensagem e de submissão aos interesses de mercado. Já no final da primeira metade do século XX, Sérgio Milliet (1955: 190-191), no artigo *26 de Março* de 1952, problematiza:

(...) ‘morra a crítica, viva a santa publicidade’. As páginas literárias estão enquistadas de cartazes, é verdade, e de cartazes organizados maliciosamente à custa da própria crítica condenatória: frases isoladas do contexto, epítetos elogiosos apresentados sem a contrapartida das restrições etc. Essa malícia dos comerciantes da literatura é que faz da crítica séria uma crítica leviana e a essa malícia não são sempre estranhos os próprios autores, mais impressionados às vezes com o nome repetidamente impresso do que com a possível opinião da crítica.

A confusão entre crítica séria e crítica leviana, apontada por Milliet, constitui um dado importante para a compreensão das condições de existência da reflexão crítica nas seções que os jornais dedicam à literatura, sobretudo, quando a ordem do dia passa a ser fortemente pautada pela mercantilização das relações sociais e culturais. A ocupação das páginas literárias por cartazes pode ser compreendida como reflexo da agressiva onda publicitária que então invade o Brasil e do

³ A dissertação lista, em parte denominada *Artigos de Jornais e Revistas*, essas referências e indica a instituição onde podem ser encontradas.

esvaziamento, no novo contexto, da própria atividade crítica enquanto experiência de participação na vida cultural.

Cabe à crítica jornalística, sobretudo mediante tal situação, selecionar aspectos merecedores de reflexão, atribuir-lhes valor, polemizar sobre questões as mais diversas e captar a atenção do público para a vida literária de seu tempo. O crítico que escreve para o jornal, ao julgar e refletir sobre o acontecimento literário, atua como elemento ativo e ativador do sistema cultural, catalisando tendências de gosto e demandas da sociedade.

Nesse sentido, a crítica jornalística pode exercer um papel fundamental na ampliação da cultura literária, visto a abrangência de seu alcance, a acessibilidade de sua linguagem e a atenção que dedica à produção recém saída do forno. A partir desta compreensão de seu estatuto, no período entre as décadas de 40 e 90, procurei destacar, concomitantemente, os traços mais representativos da pluralidade de modos de exercer essa modalidade de crítica e da diversidade de suas reações frente à produção de Clarice Lispector.

A ESTRÉIA DE CLARICE LISPECTOR

A recepção de *Perto do Coração Selvagem* pode ser compreendida a partir da distinção de três atitudes da crítica jornalística. A primeira se manifesta em artigos que apresentaram apreciações sobre o romance, influenciadas pelo efeito da lembrança de uma imagem encantatória de Clarice Lispector. Os textos assinados por Adonias Filho (publicado em 31/12/1943 e encontrado sem as demais indicações), Edgar Proença (20/02/1944, jornal Estado do Pará), Ary de Andrade (Revista Síntese, setembro de 1944) e João Gaspar Simões (01/10/1950, jornal A Manhã) testemunham que a beleza singular da jovem escritora causou neles uma *perturbação*. O distanciamento crítico foi afetado, cedendo lugar a um embebecimento traduzido em termos (beleza, mistério, inteligência, brilho, fluidez) indistintamente atribuídos a escritora e obra.

A segunda atitude se configura em textos exemplares da atividade reflexiva, porque expressam uma concepção de fazer crítico voltado para a formação de leitores, para o debate de questões atinentes ao sistema literário, e por terem estabelecido parâmetros interpretativos para a compreensão do romance clariceano referendados até nossos dias. Trata-se dos artigos de Sérgio Milliet (publicado em 15/01/1943 e encontrado no seu *Diário Crítico*/8º vol.), Álvaro Lins (publicado em 11/02/1944, no Correio da Manhã, sob título *Romance Lírico*) e Antonio Candido (publicado em duas partes, em 25/06/1944 e 16/07/1944, no jornal Folha da Manhã, com os títulos *Língua, Pensamento e Literatura* e *Perto do Coração Selvagem*).

A crítica de Sérgio Milliet dá destaque à personagem Joana, denominando-a poeta, e ao estilo “*exuberante, de linguagem pessoal de boa carnção e musculatura, de adjetivação segura e aguda, que acompanha a originalidade e a*

fortaleza do pensamento (...)". Não obstante tal valorização, o crítico entende que a riqueza de imagens, a insinuação e o desconcertamento podem afetar a organicidade da composição, promovendo um achatamento da realidade circundante e colocando em risco o controle do processo criativo. Já Álvaro Lins constrói sua análise de **Perto do Coração Selvagem** a partir da noção de moderno romance poético, resultante do entrelaçamento do lirismo com o realismo, do sentimento poético com a capacidade de observação. Na avaliação desse crítico, a descontinuidade é uma prova da dificuldade de Clarice Lispector em lidar com os problemas de composição e solucioná-los sem prejuízos para a forma, por isso considera **Perto do Coração Selvagem** pedaços de um grande romance e Clarice Lispector, "*perdida no próprio labirinto*". Por sua vez, Antonio Candido avalia que a escritora tenta transformar em valores as palavras e manter viva, na escrita, a intensidade, enfrentando, seriamente, o problema do estilo e da expressão. Para o crítico, fazer da língua um instrumento de pesquisa e descoberta é prática ainda incomum entre os escritores brasileiros. Por isso Clarice Lispector destaca-se da rotina literária de seu tempo, mesmo tendo realizado, esclarece o crítico, um trabalho inferior à intenção.

Os três críticos não apenas analisam o que consideram novidade no romance de estréia de Clarice Lispector - inconformismo estilístico, experimentação formal, trabalho de constituição da expressão e do pensamento literário, por exemplo -, mas também indicam sua preocupação com os problemas que, segundo suas concepções, não são totalmente resolvidos - o excessivo uso do inusitado e da repetição e o desgarramento da noção de tempo e espaço determináveis.

A terceira atitude se manifesta nos textos que colocaram em discussão a hipótese de **Perto do Coração Selvagem** ter sido produzido sob influência do romance **Portrait of the Artist as a Young Man** (1916), do irlandês James Joyce. Os artigos assinados por Eliezer Burla (publicado em 31/03/1944, O Jornal), Lauro Escorel (13/10/1944, O Jornal) e Valdemar Cavalcanti (18/10 e 16/11/1944, jornal Folha Carioca), por exemplo, comparam Clarice Lispector a James Joyce, Marcel Proust, Virgínia Woolf e Katherine Mansfield, em relação a seus usos da técnica de análise interior e do monólogo e ao abandono da linguagem convencional. A utilização do procedimento comparativo, embora tenha revelado um esforço de compreensão do trabalho realizado pela escritora brasileira, gerou um caloroso debate no interior da crítica jornalística, visto que, também por meio dele, sentimentos de inferioridade e de anacronismo, como uma sombra, se manifestaram; e, somados a outras limitações próprias deste procedimento, acabaram por dificultar a necessária distinção entre imitação e influência, dependência e afinidade.

Essas três abordagens, mesmo distintas no que tange ao enfoque, permitem concluir que a crítica de boca-de-forno reconheceu como gratificante a surpresa causada pelo livro de capa cor-de-rosa e o consagrou como marco da absorção de elementos esteticamente desfronteirizados - a exploração de atitudes e embates humanos ante a consciência de sua condição - pela literatura brasileira e da superação do velho - no caso, a literatura de cunho socializante de 30, tendência

precocemente envelhecida se considerarmos que o potencial de seu papel na elaboração da cultura brasileira ainda não estava esgotado - pelo novo.

Perto do Coração Selvagem vence o “Concurso de Melhor Romance de 1943”, promovido pela Folha Carioca, durante o primeiro semestre de 1944, e conquista também o “Prêmio Melhor Romance de 1943”, concedido pela Fundação Graça Aranha. Dois prêmios de reconhecimento literário que intensificam o brilho de que se revestem a escritora e seu romance de estréia, colaborando na repercussão dos sucessos de uma e outro.

Considerada a “*maior estréia feminina de todos os tempos, na literatura brasileira*” (Jornal do Brasil, Outubro de 1944), Clarice Lispector altera o horizonte de expectativa então constituído. Conforme define Hans Robert Jauss (1994: 31), em **A história da literatura como provocação à teoria literária**,

O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público. Denominando-se distância estética aquela que medeia entre o horizonte de expectativa preexistente e a aparição de uma obra nova - cuja acolhida, dando-se por intermédio da negação de experiências conhecidas ou da conscientização de outras, jamais expressas, pode ter por conseqüência uma ‘mudança de horizonte’ -, tal distância estética deixa-se objetivar historicamente no espectro das relações do público e do juízo da crítica (sucesso espontâneo, rejeição ou choque, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia).

As diferentes - e até divergentes - posturas diante do surgimento de **Perto do Coração Selvagem** são indicativas da tensão gerada pela tarefa de atribuir valor e do limite a que pode chegar a crítica de uma geração, sobretudo no tocante às questões relacionadas à expectativa do novo, ao desejo de superação do considerado velho e ao enfrentamento dos desafios próprios de uma cultura que se quer autêntica.

O CLIMA LISPECTOR

Nesta parte são abordados a expectativa de sucesso em torno do lançamento de **O Lustre**, em 1946, o esvaziamento dessa expectativa e o crescente arrefecimento do interesse da crítica jornalística em relação às duas próximas publicações de Clarice Lispector - **A Cidade Sitiada**, 1949, e **Alguns Contos**, 1952.

Tendo como parâmetro a intensa movimentação em torno do romance de estréia e os elogios recebidos por Clarice Lispector, esperava-se sua afirmação como grande escritora e que **O Lustre** brilhasse tanto quanto **Perto do Coração Selvagem**. Manuel Bandeira, em carta enviada à escritora, em novembro de 1945, comenta: “*Estou esperando com grande ansiedade o seu segundo romance. Primeiro, porque tudo que vem de você me interessa. Segundo, porque ouvi dizer que o Alceu Amoroso Lima anda falando que o novo romance ainda é melhor que o primeiro*” (apud: GOTLIB, 1995: 205).

Essa expectativa é, de certa forma, frustrada. **O Lustre** recebe severas restrições, pois, a crítica da época, em geral, considera problemáticas a desobediência a limitações impostas pela noção de gênero, a despreocupação com o princípio da unidade e a concentração do romance em única personagem (Virgínia). Tais características são consideradas indicativas de uma dificuldade de Clarice Lispector em dominar os processos de criação ficcional. Na avaliação, por exemplo, de Sérgio Milliet (artigo 15/02/1946 e encontrado no seu **Diário Crítico**/4º vol.), os processos estilísticos foram excessivamente explorados, empobrecendo o romance – a jóia, pelo desgaste, teria sido transformada em bijuteria. Para Álvaro Lins (em artigo intitulado *O Lustre*, de maio/1946, Correio da Manhã), semelhante ao que ocorreu em **Perto do Coração Selvagem**, no segundo romance, a colocação do espaço e do tempo no plano da descontinuidade causa desajuste e gera uma “*camada de nebulosidade*”, que impede a definição de suas formas e cenas. Por sua vez, Gilda de Mello e Souza (artigo publicado em 14/07/1946, sob título *O Lustre*, em O Estado de São Paulo) considera que cabe ao romance ser romanesco e discursivo - elementos pouco presentes em **O Lustre** - e que Clarice Lispector peca por inconsistência e hermetismo.

Tais interpretações são refutadas por Oswald de Andrade. Em defesa de Clarice Lispector, ele argumenta que a crítica está despreparada para compreender um romance “*aterrorizante*” como **O Lustre** (artigo intitulado *O Lustre*, publicado em 26/02/1946, no Correio da Manhã).

Na época, a unidade continua sendo um critério de compreensão e valorização do gênero romance e, portanto, o trabalho que rompesse esta visão causava estranhamento e até rejeição. Esse pode ser um dos motivos pelos quais os três títulos lançados entre 1946 e 1952 não mobilizaram, em proporção compatível com a expectativa criada a partir do sucesso de **Perto do Coração Selvagem**, o meio literário. O favorável *clima Lispector* dilui-se. A escritora, em pouco tempo, experimenta o “*martírio do sucesso*” (GOTLIB, 1995:190) e o constrangimento de **A Cidade Sitiada** e **Alguns Contos** serem pouco comentados. Além disso, por quase cinco anos, o romance **A Maçã no Escuro** é recusado por editoras como Civilização Brasileira, José Olympio, Globo e Agir. Tal realidade reforça a idéia de que os elementos promovedores de sucesso ou fracasso não podem ser totalmente previstos ou controlados e permite entender alguns dos motivos pelos quais **Perto do Coração Selvagem** se inscreveu de forma decisiva na Literatura Brasileira, passando a funcionar como paradigma escravizante da recepção dos próximos livros da escritora.

A RECONSAGRAÇÃO DE CLARICE LISPECTOR

Diferente do que ocorreu com **O Lustre**, quando a expectativa de sucesso se transforma em decepção, o lançamento de **Laços de Família** (1960) desperta a

atenção da crítica de seu tempo e contribui para a reconsagração de Clarice Lispector, cujo trabalho é elogiado por sua irreverência e excepcionalidade. Anteriormente publicados pela revista **Senhor**, os contos de **Laços de Família** ajudam a promover o nome Clarice Lispector e marcam uma outra fase da recepção, dando maior visibilidade à sua então ascendente carreira literária. **Laços de Família** oferece aos leitores a possibilidade de vislumbrarem rupturas com diversos formas de asfixia, como o vivido pela mocinha de dezenove anos do conto “Mistério em São Cristóvão”; de silenciamento, como os experimentados por Laura, personagem do conto “A Imitação da Rosa”; de paralisia, como Ana, personagem do conto “Amor”. Por caminhos tortos e pela experiência de estados nauseantes, essas personagens atingem uma consciência da própria condição e transpõem limites.

A crítica de 60 percebe a capacidade da escritora para tecer e destecer laços, seu talento para transformar o perigo de viver – “*porque a vida era periclitante*” (LISPECTOR, 1978:26) – em força criativa, e reconhece a abrangência e profundidade do trabalho que ela vinha desenvolvendo desde **Perto do Coração Selvagem**. O artigo intitulado *Laços de Família* (24/09/1960, Jornal do Brasil), por exemplo, de Assis Brasil, enfatiza o alto nível literário da escritora, a quebra na rotinização narrativa, o processo pelo qual os temas são enriquecidos e a atitude de valorizar, na criação, as sensações e as emoções.

Já reconsagrada com **Laços de Família**, a escritora, pouco depois, em 1964, publica **A Paixão Segundo G.H.**, que também recebe tratamento exemplar por parte da crítica. Benedito Nunes, por exemplo, em artigo intitulado *A náusea em Clarice Lispector* (24/07/1965, Jornal O Estado de São Paulo), utiliza categorias das filosofias existencialistas para analisar um dos princípios fundamentais de **A Paixão Segundo G.H.**: a radicalização da náusea como via de acesso à realidade pura, como estado que ameaça destituir a ordem das coisas.

O lançamento de três títulos na primeira metade da década de 60 (**Laços de Família**, **A Maçã no Escuro** e **A Paixão Segundo G.H.**) cria particular oportunidade para que leitores especialistas avaliem e/ou reavaliem a produção anterior da escritora, revitalizando sua leitura, a exemplo das citadas análises, reconhecidamente bem sucedida, realizadas por Assis Brasil e Benedito Nunes.

Trata-se, na trajetória da crítica jornalística sobre Clarice Lispector, de um momento em que os artigos publicados apresentam, como traço comum, uma preocupação com a aplicação de novos métodos de análise literária. Vista em conjunto, pode-se concluir que a crítica de 60 prima pela atitude de reflexão estética consequente e responsável, porque se mantém centrada em questões atinentes aos desafios propostos pela literatura de Clarice Lispector e na disposição de ampliar sua compreensão.

O MISTÉRIO CLARICE LISPECTOR

Com a publicação de **A Via Crucis do Corpo**, Clarice Lispector é acusada de produzir lixo por Bruna Becherucci (*Lixo sim*, Revista Veja, 31/07/1974), e seu novo livro de contos é considerado um fracasso por Emanuel de Moraes (*A via crucis de Clarice*, Jornal do Brasil, 17/08/1974). Em nome de uma boa literatura - a que a escritora teria traído - e em tom de revolta moral, esses comentaristas tratam os contos como meras anedotas. Insensíveis ao itinerário literário que vinha sendo percorrido desde **A Paixão Segundo G.H.** (1964), passando por **Água Viva** (1973) e **Onde Estiveste de Noite** (1974), eles não percebem que a opção por trabalhar com a corporeidade das sensações exprime uma atitude, ao mesmo tempo, estética e política; ou, se percebem, preferem defender uma literatura de temas elevados e desqualificar o novo tratamento dado por Clarice Lispector à sexualidade, à miséria psicológica, aos restos e detritos. Atitude que manifesta o enfrentamento pela escritora de um outro tipo de desafio, que ultrapassa a esfera do que esses leitores consideraram literatura de bom gosto.

Em outra vertente interpretativa, os artigos de Sônia Coutinho (*A Vida do Corpo*, O Globo, 28/07/1974) e Hélio Pólvora (*Da arte de mexer no lixo*, Jornal do Brasil, 13/08/1974) reconhecem em **A Via Crucis do Corpo** o cotidiano, a nudez e a crueza do mundo - mesmo que, neste movimento de inovação, traga à tona também o lixo.

A Via Crucis do Corpo transgredir padrões convencionais, destitui consensos e exprime uma outra face da personalidade literária de Clarice Lispector, explicitamente disposta a outros devires. O aproveitamento de temas rejeitados pela tirania das tradições fundadas no gosto excludente do comportamento tipicamente burguês força a crítica de 70 a lidar com a capacidade de inovação de Clarice Lispector frente aos efeitos da castração reflexiva e criativa, particularmente agressivos naquele contexto. O som de vozes discordantes, como as que se fizeram ouvir em **A Via Crucis do Corpo** e nos artigos *A Vida do Corpo* e *Da arte de mexer no lixo*, expressa uma afronta a qualquer valor absoluto e/ou cerceamento e define um engajamento diferente daquele explicitado na recusa de coca-cola - atitude, naquele contexto, considerada símbolo de resistência a movimentos de massificação e americanização, por exemplo.

Já em relação ao lançamento de **A Hora da Estrela** (1977), de maneira geral, a crítica jornalística adota uma atitude ponderada, notadamente preocupada em situar o novo romance no conjunto da produção da escritora. Ao estilo, em artigos de Sérgio Habib (*Clarice Lispector: outro mergulho mágico*, 29/09/1977, Jornal de Brasília) e Ivan Junqueira (*Clarice Lispector: insólita, solitária, romancista total*, 23/10/1977, Jornal O Globo), é atribuído o segredo da mágica clariceana - traduzida na penetração gradativa, na tática do esboço.

Sobre a dimensão social presente no novo romance, destacam-se os artigos de Léo Gilson Ribeiro (*A Hora das Estrelas*, 19/11/1977, Jornal da Tarde) e Vilma

Arêas (*Que mistérios tem Clarice*, 29/11/1977, Folha de São Paulo). O primeiro analisa que a pluralidade de visões sociais estava implícita em toda a produção anterior de Clarice Lispector, que já era uma “*literatura dos impotentes*”. O segundo artigo destaca a não mistificação do real, da diferença de classes, a recusa de recursos já conhecidos, típicos “*do escrever bonito*” ou “*moderno*”, e observa que **A Hora da Estrela** permite discutir a literatura a partir da postura da própria escritora que assume as contradições e as trabalha por meio da contestação das estruturas. Vistos em conjunto, os artigos dedicados à apresentação de **A Hora da Estrela** ao público têm em comum a valorização positiva da incursão de Clarice Lispector por realidades outras e da sua coragem em recusar a transformação do real em *termos suculentos, adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos esguios* – atitude concretizada em **A Hora da Estrela**.

O esforço desses e de outros críticos não foi suficiente, entretanto, para frear certa ambígua tendência da crítica jornalística para ficcionalizar a coincidência entre a publicação de **A Hora da Estrela** e o falecimento de Clarice Lispector, em 09/12/1977, e projetar a trajetória literária da escritora na esfera do místico. Conforme exposto, Clarice Lispector, desde sua estréia, fora arremetida à condição de estrela, e o inusitado de seu **Perto do Coração Selvagem**, celebrado. Essa combinação, presente em outros momentos de forma mais amena, volta a ser amplamente praticada. A imagem pública de Clarice Lispector como *monstro sagrado da literatura brasileira* e jargões simplificadores, por exemplo: difícil, hermética, misteriosa, intransponível, solitária, são utilizados por uma parte da crítica jornalística brasileira, principalmente a partir desse momento, para atribuir significado à escritora e à sua obra, sem a contrapartida das mediações que dão sustentação às análises, criando uma espécie de culto ao mistério.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vive-se um momento em que a reificação, decorrente da relação mercantil instaurada na base da sociedade, destitui de seus lugares fundamentais práticas potencializadoras como a inventividade e a reflexão. Conforme análise de G. Debord (1997: 28), em **A Sociedade do Espetáculo**, o princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por coisas supra-sensíveis, realiza-se completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que, ao mesmo tempo, se faz reconhecer como o sensível por excelência.

Nesse sentido, as práticas formativas vão sendo destruídas pelo aviltamento das questões públicas em geral, cultura, educação, informação. Isso propicia a perda da qualidade e o estabelecimento do quantitativo como medida das coisas. É justamente o desequilíbrio entre a qualidade e a quantidade que subsidia as

concessões e força a oferta do que é querido pelo mercado de consumo, de modo a manter um padrão previamente formatado.

No presente caso, entende-se que a crítica jornalística sobre Clarice Lispector, quando se restringe a cultivar o mistério pelo mistério, funciona mais como publicidade do que como mecanismo de formação de leitores. Tal possibilidade pode criar um vazio ou certa saudade da crítica de rodapé ou das cuidadas edições dos Suplementos Literários, mas também pode permitir uma melhor identificação dos traços constituidores da crítica jornalística que, hodiernamente, necessitam ser excluídos, mantidos ou reinventados.

A generalidade desse comentário não pretende colaborar para a desqualificação da crítica jornalística, e de qualquer outra expressão entre as que fazem parte do jornal, ou aproveitar a evidência de sua condição claudicante para retomar as ancestrais condenações a ela imputadas já na sua origem. A constatação de equívocos veiculados pela crítica jornalística é, antes, uma condição necessária - embora insuficiente - para que seja pensada como produto cultural historicamente constituído, pois os textos críticos e literários não estão totalmente livres do jogo do mercado e suas regulamentações, misturando-se a outros produtos.

Por enquanto, ainda se mantém viva a expectativa de a crítica jornalística, como modalidade de recepção, funcionar como vitrine da vida literária de seu tempo, instrumento de formação de leitores e veículo da reflexão crítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEBORD, Guy. (1997). *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

GOTLIB, Nádia Battella. (1995). *Clarice. Uma vida que se conta*. 2ª ed. São Paulo: Ática.

JAUSS, Hans Robert. (1994). *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Tradução: TELLAROLI, Sérgio. São Paulo: Ática.

LISPECTOR, Clarice. (1978). *Laços de Família*. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

MILLIET, Sérgio. (1955). *Diário Crítico*. São Paulo: Martins Fontes, 8º vol.